



## **RESUMO**

O artigo de investigação desenvolve o tema do terrorismo sob uma perspectiva multidimensional, confrontando as teorias dos diferentes autores que justificam as suas práticas como meio para atingir um fim, e os que refutam veementemente a ideia de o desculpar sob que óptica for. Defende-se a ideia de que o amor promove a paz e a união social, tornando os povos menos vulneráveis à pressão interna ou externa. E que, pelo contrário, o medo pode resultar no imediato mas é corrosivo e auto-destrutivo, pelo que os povos mesmo reconhecendo a sua eficiência em determinadas situações, optam sempre por erradicá-lo. Os seres humanos preferem modelos civilizacionais mais éticos e estáveis, e menos violentos, porque ninguém aguenta viver perpetuamente em pânico, mas vive feliz onde há harmonia.

Palavras-chave: Terrorismo, Medo, Amor.

## **ABSTRACT**

This paper develops a conceptual perspective about the theme of terrorism, comparing theories of different authors that justify their practices as means to an end, and those who strongly refute the idea under no matter the excuse. The text supports the idea that love promotes peace and social union, making people less vulnerable to internal or external pressure. By contrast, fear can result in the immediate but it is corrosive and self-destructive, so people while recognizing its efficacy in certain situations, always choose to eradicate it. Humans prefer models of civilization with more ethics and stability and less violence, because nobody can stand to live perpetually in a panic, but happy lives in harmony.

Keywords: Terrorism, Fear, Love.

## INTRODUÇÃO

O artigo de investigação propõe uma reflexão sobre a violência extrema sob a forma de terrorismo de Estado ou perpetrado por grupos não governamentais para atingir objectivos políticos, religiosos, culturais, étnicos ou outros. Com tal em vista e do ponto de vista metodológico, confrontam-se autores que teorizam sobre esta matéria em diferentes contextos históricos.

São comentadas as reflexões de Maquiavel de que um governante deveria antes ser temido a ser amado, se não fosse possível conjugar as duas coisas; pelo que se justificava o recurso ao terrorismo de Estado para impor a ordem e contrariar a queda do príncipe num mar de intrigas. Para tal teoriza-se sobre o amor e o medo em comunidade, sobre qual é mais forte e que tipo de consequências sociais se podem conjecturar da opção por um ou por outro.

## MAQUIAVEL, AMOR E MEDO

Maquiavel no seu livro “O Príncipe” defendeu no capítulo XVII que um governante mais vale ser temido do que amado pelo seu povo, pelo suposto benefício líquido que gera em sociedade<sup>1</sup>, levando em consideração o oportunismo da natureza humana mais capaz de abusar da confiança dos outros do que de alimentar relações humanas saudáveis<sup>2</sup> e de apenas se manter disciplinada perante a (ameaça de) coacção<sup>3</sup>.

Maquiavel é um dos primeiros grandes teorizadores a favor do terrorismo de Estado. O seu argumento base é que, se não é possível ser amado, mais vale ser temido, porque não é fácil amar e ser amado, ao passo que impor o medo quase sempre resulta.

No séc. XXI associa-se mais vezes a palavra terrorismo à acção violenta de grupos criminosos do que à acção do Estado, embora haja regiões do globo onde as queixas permanecem. Por exemplo, as vagas da “Primavera Árabe” estão a divulgar publicamente atrocidades perpetradas por alguns governos autoritários na região do

---

<sup>1</sup> «Portanto, não deve preocupar-se o príncipe o facto de, para conservar todos os seus súbditos em união e obediência, ganhar fama de cruel, pois será muito mais compassivo do que os príncipes que, por excesso de clemência, deixam alastrar as desordens, das quais se geram assassinios e rapinas. Estas prejudicam, quase sempre, a generalidade, ao passo que as execuções ordenadas pelo príncipe prejudicam um particular.» [MAQUIAVEL (2000). *O Príncipe*. (Livros de Bolso N.º 24). Mem Martins: Publicações Europa-América; p. 88]

<sup>2</sup> «Há uma coisa que se pode dizer, de uma maneira geral, de todos os homens: que são ingratos, mutáveis, dissimulados, inimigos do perigo, ávidos de ganhar. Enquanto lhes fazes bem, são teus, oferecem-te o seu sangue, os seus bens, a sua vida e os seus filhos, como disse atrás, porque a necessidade é futura; mas quando ela se aproxima, furtam-se, e o príncipe que se baseou apenas nas suas palavras encontra-se despojado de outros preparativos, está perdido.» [ID. IBID, p. 89]

<sup>3</sup> «Os homens hesitam menos em prejudicar um homem que se torna amado do que outro que se torna temido, pois o amor mantém-se por um laço de obrigações que, em virtude de os homens serem maus, se quebra quando surge a ocasião de melhor proveito. Mas o medo mantém-se por um temor do castigo que nunca nos abandona.» [ID. IBID, pp. 89-90]

Sahel, do Magreb e do Próximo Oriente. Mas afinal, o raciocínio de Maquiavel de que antes ser receado que estimado faz algum sentido em sociedade?

O medo é provavelmente o sentimento mais instintivo no ser humano. Pode seguir-se a um ataque físico, ou ser fruto da manipulação psicológica e tornar-se numa obsessão diária ao ponto de aterrorizar um indivíduo, uma família, uma comunidade, um país ou, actualmente com a globalização, instalar-se como um vírus à escala mundial.

Qualquer pessoa pode sentir medo. A dificuldade é lutar contra um sentimento de pânico, de pavor, pois é algo que só se aprende depois de muita introspecção, coragem e determinação. Os mais vulneráveis nunca verdadeiramente ultrapassam um trauma grave nas suas vidas.

Com o amor acontece o oposto. Todos os seres humanos nutrem sentimentos uns pelos outros, mas muitos desconhecem o verdadeiro significado do amor, pelo que não podem dar ou receber o que não sabem o que é. O amor compreende, auxilia, nidifica. Cria um escudo protector contra ataques externos. A generosidade e o respeito, a vontade de proteger e de acarinhar são características estritamente relacionadas e podem manter-se mesmo quando não são correspondidas. Há quem vele por nós mesmo quando já não o merecemos, sempre na esperança de nos apaziguar e de nos salvar, inclusive quando a esperança de nos recuperar há muito esteja perdida. Ou seja, o amor é altruísta.

Consequentemente, se o medo é destrutivo, o amor é construtivo e promove a união e a paz. Um casal pode corresponder-se com amor e formar família, mas aqui ocupa-nos sobretudo o tipo de relacionamento entre cidadãos de uma cidade ou de um país que ajuda a fazer face ao terrorismo perpetrado por terceiros.

Na antiguidade, as primeiras comunidades surgiram da vontade de umas quantas famílias preferirem viver na proximidade umas das outras para assim se sentirem mais seguras. O objectivo era agregarem-se com base em leis tácitas de respeito mútuo para que a convivência entre elas fosse pacífica. As cidades surgiram para que os indivíduos pudessem organizar-se rapidamente contra a violência externa e desta forma elevar as probabilidades de sobrevivência em relação a uma defesa individual. Descobriu-se que se pode combater o medo com amor, que a união faz a força e pode ajudar a construir fortes relações humanas capazes de aumentar as probabilidades de sobrevivência.

Com o passar dos séculos, desenvolveram-se formas mais sofisticadas de garantir a união dos cidadãos através de documentos escritos – tais como a Constituição e os códigos civil e penal – cujas regras procuravam balizar a acção dos cidadãos no espaço partilhado. Mas não basta haver leis, herdadas ou escolhidas pelos cidadãos, estas têm de ser cumpridas. Através do medo, impingem-se regras a quem as acata até conseguir fugir das amarras ou revoltar-se contra o sistema. Onde há respeito mútuo, as pessoas até se esquecem que há regras que as obrigam a agir assim.

O respeito é uma etapa anterior ao amor, pelo que se comenta o seguinte. O amor e a ética aprendem-se e podem conviver mas são distintos, pois um brota de sentimentos muito humanos e a outra resulta da educação para a cidadania. Quem ama é ético por natureza, não causa dor propositadamente, dá e recebe porque sente prazer em fazê-lo. Aquele que apenas age pelo sentido de dever, pode ser questionado do ponto de vista filosófico mas na prática também contribui para uma sociedade mais ordeira. A

diferença entre ambos é que os primeiros são mais autênticos; os segundos agem menos por instinto mais pela Razão.

Mas atenção à consistência de comportamentos no longo prazo. Se o amor pelo próximo é abnegado, o amor-próprio é egoísta e também pode ser causa de destruição. A inveja e o orgulho ferido engendram cada qual à sua maneira individualismo, rebentam em revolta e ódio contra uma pretensa injustiça. Maquiavel alerta que um governante deve preferir ser temido a amado, mas no capítulo XIX do “O Príncipe” argumenta especificamente a favor da ideia de se fazer respeitar, de evitar ser odiado e desprezado, por haver menos conspirações contra quem possui grande reputação pública<sup>4</sup>.

Quem odeia pode escolher praticar actos terroristas de vingança contra alvos “culpados” (terrorismo selectivo) ou “inocentes” transformados em cobaias contingentes (terrorismo aleatório). Quem odeia considera quem ama um “fraco” e ataca-o especialmente quando sabe que o outro não vai revidar, abusando da sua confiança.

Para Maquiavel, a obediência cristã induz em comportamentos passivos e de resignação com consequências políticas negativas que fragilizam os cidadãos e os governos, e que pelo menos no tempo dos romanos, segundo o autor, as religiões pagãs exaltavam a coragem, conferindo honras divinas aos grandes líderes. A partir do 11 de Setembro de 2001 a opinião pública mundial ficou alertada para ataques terroristas da Al-Qaeda nos EUA e passou a temer o fanatismo islâmico acusado de educar os seus seguidores a fazer “guerras santas” e a mover ataques terroristas contra os “infieis” (de outras religiões). Por exemplo, em países do Sahel como a Nigéria e o Sudão, onde as populações se agrupam consoante os credos, tornam-se recorrentes os choques culturais subsequentes (embora também por rivalidades quanto ao controlo dos recursos naturais), gerando assim conflitos à escala nacional – no caso do Sudão, conduziram à divisão do território em Norte e Sul, e na Nigéria o futuro parece ser semelhante.

Mas as clivagens religiosas e culturais só são possíveis em comunidades dilaceradas por dentro. Quando as pessoas não convivem pacificamente, corroem-se por dentro e autodestroem-se. Surgem rivalidades e divisões entre grupos agora “émulos”, “diferentes” ou “ameaçadores”. Maquiavel escrevia que: «Um príncipe deve ter medo dos dois lados: de dentro, por causa dos seus súbditos; de fora, por causa dos potentados estrangeiros.»<sup>5</sup>

O terrorismo não tem de ser uma ameaça externa, pode ser interna. O que potencia um factor de incerteza superior ao de um ataque externo perpetrado por “inimigos” desumanizados ou sem rosto. Tal como uma guerra civil causa mais sofrimento que uma guerra contra um povo vindo de fora, o terrorismo praticado por vizinhos gera fortes sensações de ambivalência e de desamparo, pois não há um monstro do qual se queixar mas alguém conhecido que nos ataca sem razão aparente.

Resumindo, numa sociedade o amor é mais forte do que o medo, porque o primeiro une, fortalece e protege; o segundo divide, corrompe e ataca. O medo acobarda, é instintivo e

---

<sup>4</sup> «(...) o príncipe deve evitar as coisas que o tornem odiado ou desprezado (...) Convém que faça reinar a seu respeito uma opinião tal que ninguém pense em o enganar nem em o iludir. O príncipe que der esta imagem da sua pessoa conquista grande reputação, e contra quem desfruta de tal reputação não se conspira facilmente, assim como não é fácil atacá-lo, pelo menos se se sabe que é virtuoso, temido e respeitado pelos seus.» [MAQUIAVEL (2000), *op. cit.*, pp. 97-98]

<sup>5</sup> ID. IBID, p. 98.

difficilmente se enfrenta. O amor confere-nos coragem quando nem sabemos que a temos, mas é um caminho a percorrer até ser partilhável ou receptível. Muitos confundem o amor-próprio com o bem-querer, afirmando-se como predadores e criando vítimas. Comunidades onde impera o egoísmo, a falta de ética e o medo são vulneráveis à manipulação psicológica e à violência física de terceiros e são alvos fáceis do terrorismo.

## CONCLUSÃO

Maquiavel defendia que um governante mais vale ser temido do que amado. Todavia, o respeito mútuo cria laços mais sólidos e duradouros do que o pavor do qual as populações sempre tentarão se libertar e com base no qual apenas limitam a sua acção no curto prazo. Isto porque os humanos têm um instinto de sobrevivência apurado e a história comprova que os mais fortes/aptos foram os que se uniram contra a violência de terceiros e se organizaram em cidades/países com instituições politicamente estáveis. Os indivíduos são seres sociais que criam laços que os ajudam a sobreviver com pertinácia à pressão de terceiros.

O terrorismo é degradante e traduz-se em actos de violência contra inocentes, pelo que indefensável mesmo quando perpetrado por povos supostamente mais fracos ou oprimidos, que o utilizam como último recurso, por serem pobres ou porque “os outros” o praticam. Há alternativas no combate político-social. Nenhuma entidade tem o direito de fazer uso das pessoas em função das causas que defende. Não há governo que espalhe o pânico geral que não tenha sido um dia derrubado por uma revolução, um golpe de Estado ou Militar.

A evolução humana é o resultado de muitos erros e acertos, mas apesar do terrorismo (de Estado ou praticado por agentes não governamentais) ter obtido resultados em determinados espaços e por certos períodos de tempo, mais cedo ou mais tarde foi contrariado pela organização dos cidadãos a favor da paz. Ainda não foram criados modelos civilizacionais perfeitos mas o mundo actual seria apesar de tudo mais caótico se entre os povos não reinasse a convicção que o terrorismo pode/deve ser erradicado e que está em nós a capacidade de lhe resistir corajosamente, com ética e muito amor.

## BIBLIOGRAFIA

MAQUIAVEL (2000). *O Príncipe*. (Livros de Bolso N.º 24). Mem Martins: Publicações Europa-América.